

ANÁLISE DA DINÂMICA GEOECONÔMICA E GEOPOLÍTICA DO TRÁFICO INTERNACIONAL DE DROGAS ILÍCITAS NA AMÉRICA LATINA: PREMISSAS INICIAIS PARA DISCUSSÃO

Marília Aparecida Ponciano¹
Fernando dos Santos Sampaio²

INTRODUÇÃO

O seguinte trabalho visa apresentar a proposta de projeto de iniciação científica a ser desenvolvido pelos autores no ano de 2018. A referida proposta tem o objetivo de analisar as políticas de combate ao narcotráfico na América Latina, relacionando com os interesses empresariais e políticos das nações hegemônicas, mais especificamente os Estados Unidos.

A partir disso, visa discorrer sobre os desdobramentos em âmbito local que se apresentam a partir da dinâmica geopolítica do negócio, considerando que a adoção de políticas neoliberais em território latino-americano e a intensificação mundial do uso e tráfico de drogas visualizados a partir do período histórico estudado, acentuaram os níveis de desigualdade e pobreza entre a população e refletiram em uma série de problemas relacionados à violência urbana, disputas por territórios e rotas estratégicas e campanhas de repressão por parte do Estado.

O projeto tem por base o uso de um referencial geográfico, no qual as peculiaridades das formações sociais, as relações entre o local, o nacional e o global bem como o desenvolvimento desigual e combinado são pontos essenciais para a explicação do problema investigado.

No que tange aos procedimentos metodológicos será realizado levantamento bibliográfico sobre ação do narcotráfico sobre o território mundial, com ênfase na América Latina, revisão bibliográfica sobre a discussão do papel geopolítico nas formas de controle do tráfico e do crime organizado em geral, levantamento de dados sobre a atuação dos Estados Unidos junto à segurança interna de países latino-americanos a partir do fim da Segunda-Guerra, análise e levantamento de dados estatísticos sobre apreensões de substâncias entorpecentes e ações dos Estados nacionais em relação à repressão ao crime organizado no tocante ao comércio ilegal de drogas.

¹ Acadêmica do 4º ano do curso de Serviço Social da Unioeste campus Francisco Beltrão, bolsista graduando no Programa Patronato Municipal. E-mail: mariliaappon@hotmail.com

² Doutor em Geografia. Professor Associado da Universidade Estadual do Oeste do Paraná- Unioeste. Email: fssampa@gmail.com

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Com o fim da Segunda Guerra emergem no cenário geopolítico mundial, dois grandes blocos econômicos que buscavam domínio e expansão de seu poder pelo globo. Esse período ficou marcado pela rivalidade política, ideológica, econômica e militar entre os Estados Unidos (líder do bloco capitalista) e a URSS (líder do bloco socialista). A existência do bloco socialista colocava ao mundo a perspectiva de uma sociedade não capitalista e a reação do bloco capitalista levou a uma série de acontecimentos que marcaram a segunda metade do século XX. A corrida armamentista e aeroespacial, a disputa geopolítica pela descolonização da África e da Ásia, entre outros fatores, representou um aspecto da luta de classes a nível mundial (LOSURDO, 2015).

Esse momento histórico é conhecido como Guerra Fria e foi o principal marco da ordem internacional do pós-guerra (VIZENTINI, 2004). Nos anos 1980, com ascensão de Ronald Reagan à presidência dos Estados Unidos uma nova ofensiva se deu contra o campo socialista o que acabou levando a derrota da URSS, considerada o seu principal inimigo, o que também marcou o fim da Guerra Fria.

Paralelo a isso, o mundo visualizou um significativo aumento do consumo de drogas, iniciado na década de 60 a partir do movimento de contracultura que se intensificou nos anos de 1970 e 1980. Essa demanda por substâncias psicotrópicas deu-se, sobretudo, nos Estados Unidos e em países europeus, a partir da conjuntura mundial que montou-se com o fim da Segunda Guerra Mundial (OLMO, 1990). O movimento hippie, iniciado nos anos 1960, foi responsável pelo aumento significativo do uso da maconha nos Estados Unidos, movimento que se expandiu com o passar da década e perdura até os dias atuais.

A participação efetiva dos Estados Unidos na Guerra do Vietnã (1965-1963) também trouxe consequências para o aumento do uso de drogas no país. A heroína, antes uma substância destinada aos guetos urbanos começa a se infiltrar na classe média branca, principalmente com o uso e a dependência dos soldados americanos (OLMO, 1990).

A participação em guerras impõe aos Estados Unidos à necessidade de produção de morfina. Dessa forma, solicitam ao México que aumentasse a produção de papoula e construísse trechos de ferrovia para agilizar o transporte (SAVIANO, 2014). Esse movimento incitou a articulação da atividade de contrabando criando as bases para a exportação ilegal de drogas, inicialmente com os opiáceos (morfina e heroína) e depois a cocaína, para além da fronteira.



Dessa forma, começou-se a desenhar as bases da estrutura do narcotráfico. Enquanto os Estados Unidos se apresentaram como o maior consumidor de drogas psicotrópicas, Bolívia, Peru e Colômbia se firmaram como produtores destas (SILVA, 2011). No que tange a cocaína, o carácter ilegal do cultivo, do processamento e do tráfico multiplica seu custo e torna a atividade altamente rentável aos exportadores. Esse momento histórico marca a transformação dos grupos responsáveis por pequenos negócios ilegais de contrabando em grandes narcotraficantes, tanto que foram inclusos entre as pessoas mais ricas do mundo.

Com o fim da Guerra Fria e a queda do socialismo, mudam-se as prioridades da agenda internacional, antes ligada a atuação dos Estados Unidos em questões decorrentes do conflito ideológico. Surge a necessidade de fabricação de novos “inimigos” mundiais, sendo elencados o Narcotráfico e o Terrorismo. Dessa forma, no ano de 1971 o então presidente dos Estados Unidos, Richard Nixon, estabelece uma campanha de “Guerra às Drogas”, dando rosto ao maior inimigo público do país e prometendo destruí-lo em sua fonte. O principal inimigo dos Estados Unidos transformou-se também em uma ameaça internacional, o que legitimou as ações intervencionistas estadunidenses na América Latina (SILVA, 2015).

Vale ressaltar que ações intervencionistas também estavam envoltas a questões de cunho econômico. A partir de um discurso montado sob as premissas de segurança dos Estados Unidos, ratificou-se a consolidação de um sistema internacional baseado no livre mercado e na expansão e domínio estadunidense na América Latina.

As iniciativas do mandato de Nixon quanto à política de enfrentamento ao narcotráfico (um ponto importante de ressaltar é a criação do Drugs Enforcement Administration (DEA)), deram continuidade no governo de Ronald Reagan. Na década de 80, Reagan constrói as diretrizes norte-americanas para narcóticos e segurança nacional, o que levou a destinar 69% de seus recursos administrativos à guerra as drogas no ano de 1989 (SILVA, 2015). O combate ao narcotráfico aparece como forma de justificar a presença de parcerias e colaborações entre as agências de combate às drogas ilegais estadunidenses (DEA, FBI etc.) com as polícias locais, além das ações de vigilância, controle e repressão sobre territórios passarem a ser feitas em colaboração direta com os EUA.

Outra importante iniciativa do combate ao tráfico de entorpecentes na América Latina foi o Plano Colômbia. Elaborado pelo governo colombiano no ano de 1999-2000 com a finalidade de desestruturar as ações das FARC's (Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia) e dos grupos paramilitares, contava com um expressivo auxílio financeiro dos Estados Unidos principalmente para a substituição do plantio de coca e para o treinamento e



compra de equipamento militar. A Colômbia ocupa um papel geoestratégico para os Estados Unidos, principalmente no que tange a produção de petróleo.

Do ponto de vista global o alinhamento com as estratégias norte-americanas, diminuiu a capacidade de ações soberanas sobre os territórios nacionais por governos locais. Tradicionalmente, utilizou-se a agenda do combate às drogas para legitimar maior atuação dos Estados Unidos em plano internacional, a partir do significativo financiamento a operações de combate ao tráfico na América Latina (SILVA, 2011).

Do ponto de vista local, a maneira como os Estados Unidos impôs a política de enfrentamento ao narcotráfico, através de um sistema marcado pela estratégia de guerra e repressão com um pesado engajamento das Forças Armadas, tem deixado significativas marcas principalmente no que toca à perspectiva social dos países envolvidos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As problemáticas desencadeadas pelo tráfico de drogas na América Latina têm sido enfrentadas sobre a ótica da criminalização e de políticas de repressão. A partir da conjuntura mundial estabelecida na Guerra Fria, essas ações de enfrentamento aparecem como estratégias de expansão e influencia do poder estadunidense sobre o território latino americano.

Em países como o Peru, Bolívia e Colômbia muitos pequenos agricultores são dependentes de plantações ilegais para manter sua renda, considerando que o cultivo ilegal é mais rentável que de outros produtos. O número de pessoas vinculadas à ilegalidade se mostra ainda mais expressivo ao incluirmos as famílias dos agricultores e os milhares indivíduos que vendem a droga ou que trabalham para o narcotráfico. Essas pessoas buscam nas guerrilhas e nos grupos armados atuantes em âmbito rural, proteção contra a repressão e negociação justa com aos traficantes (VALENCIA, 2005).

A combinação do aumento mundial do tráfico de drogas com a adoção das políticas neoliberais nos países latino-americanos acentuou os níveis de desigualdade entre a população. Sob um panorama de crise econômica a população tende a empobrecer e os níveis de violência urbana se refletem a através de um sistema carcerário cada vez mais expressivo, aspecto que gera um meio propício para a expansão dos grupos organizados, que encontram na pobreza uma possibilidade de maximização de lucros (SAVIANO, 2014; LABROUSSE, 2010, FORGIONE, 2011).

Além desses aspectos, o tráfico de drogas e sua organização encontram meios de expandir sua influência por vias “legais”. Utilizam de atividades corruptas para se

perpetuarem na estrutura do Estado, nas Instituições e serviços públicos e até mesmo no setor privado, historicamente estabelecendo importantes ligações com os bancos.

Para compreender as características espaciais da distribuição e circulação das drogas ilegais na América Latina, torna-se necessário uma visão mais ampla na qual englobe a ação das empresas, governos e instituições internacionais, pois estes se tornaram importantes atores geopolíticos após a Segunda Guerra Mundial.

REFERÊNCIAS

- AMORIN, C. (2010). **Assalto ao poder. O crime organizado**. Record: Rio de Janeiro, Brasil.
- FORGIONE, F. (2011). **Máfia Export: como a 'Ndrangheta, a Cosa Nostra e a Comorra colonizaram o mundo**. Bertrand Brasil: Rio de Janeiro, Brasil.
- LABROUSSE, A. (2010). **Geopolítica das Drogas**. Desatino; São Paulo, Brasil.
- LOSURDO, D. (2015). **A Luta de Classes: uma história política e filosófica**. Boitempo: São Paulo, Brasil.
- DEL OLMO, R. (1990). **A face oculta da droga**. Reavan: Rio de Janeiro, Brasil.
- SAVIANO, R (2014). **Zero zero zero**. Cia.das Letras; São Paulo, Brasil.
- ROSSETTO SILVA, A. (2011). **O Combate ao narcotráfico na América do Sul no pós-guerra fria: Um estudo das relações Estados Unidos – Brasil de 1993 a 2008**. Revista Múltipla: 2011, v.24, n.31, p. 49-69. UPIS: Brasília, Distrito Federal, Brasil.
- VIANA SILVA, C. (2015). **Plano Colômbia: securitização do narcotráfico pelos Estados Unidos da América**. Conjuntura Global, 2015, v.04, n.02, p. 124-132. UFPR: Curitiba, Paraná, Brasil. <<http://www.humanas.ufpr.br/portal/conjunturaglobal/files/2016/02/1-PlanoCol%C3%B4mbia-securitiza%C3%A7%C3%A3o-do-narcotr%C3%A1fico-pelos-EstadosUnidos-da-Am%C3%A9rica.pdf>> Acesso em 01 de maio de 2018.
- VALENCIA, L. (2005). **Drogas, conflito e os EUA. A Colômbia no início do século**. Estudos Avançados, 2005, v.19, n.55, p.129-151. USP: São Paulo, São Paulo, Brasil. <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010340142005000300010&lng=pt&tlng=pt> Acesso em 20 de abril de 2018.
- VIZENTINI, P. **A Guerra Fria: o desafio socialista à ordem americana**. Leitura XXI: Porto Alegre, Brasil.